

FAPAC - UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTONIO CARLOS DE BAEPENDI
ANA PAULA ALVES RIBEIRO

**A PRESENÇA DO LÚDICO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM PÓS -
PANDEMIA**

BAEPENDI- MG

2022

FAPAC - UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTONIO CARLOS DE BAEPENDI
ANA PAULA ALVES RIBEIRO

**A PRESENÇA DO LÚDICO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM PÓS -
PANDEMIA**

Artigo Científico Apresentado à FAPAC –
Faculdade Presidente Antônio Carlos de
Baependi, como requisito para o encerramento do
8º período do Curso de Pedagogia.

1. INTRODUÇÃO:

A escolha do presente tema visa auxiliar educadores a solucionar, através do lúdico, possíveis defasagens de aprendizagem deixadas pela pandemia a qual impediu a troca de contato físico entre professores e alunos. E a partir desta mesma metodologia de ensino, permitir a construção de uma aprendizagem mais ampla e significativa.

Com o passar dos tempos, muitas coisas se modificam na sociedade. E dentre elas podemos citar os meios de comunicação utilizados pela humanidade. Se pararmos para analisar a forma que nos comunicávamos a algumas décadas atrás, iremos perceber que já não condiz com a realidade atual. Com o avanço da tecnologia e a popularização do celular, quase não se utiliza mais o envio de cartas ou meios semelhantes. E o uso de telefones públicos (como o famoso “orelhão”) foi praticamente extinto das ruas. A história da humanidade é assim, muitas coisas vão se modificando e na maioria das vezes trazendo benefícios para a sociedade.

Na área da educação, não poderia ser diferente. Há pouco mais de 2 anos enfrentamos um período novo, difícil e também marcante para a história da humanidade. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia de COVID – 19 após a grande distribuição de contágio com o corona vírus. O mundo inteiro se viu em uma situação complicada devido às questões de saúde e ao fechamento de inúmeros estabelecimentos e instituições importantes para a população mundial, principalmente as escolas. Um fato que afetou a maneira como os educadores estavam procedendo, e os desafiou a investirem em uma nova postura educacional.

Frente a uma situação de calamidade pública e consequentemente com o acesso dos alunos à escola impedido, foi preciso repensar a prática docente. Muitas metodologias tradicionais não caberiam mais no novo cenário a qual estávamos inseridos, então era preciso inovar. E nesta nova etapa a tecnologia foi uma grande aliada para que os professores pudessem continuar sua prática, e os alunos continuassem a aprender.

Mas sair de uma prática tradicional como estar fisicamente em uma sala de aula e partir para uma prática totalmente inovadora, como uma sala de aula virtual, não foi um processo nada fácil. Tudo o que é novo nos traz um pouco de receio, por isso uma caminhada de grandes desafios viria pela frente, mediante ao fato de que muitos professores não se familiarizavam com a tecnologia e não sabiam como agir diante das telas.

Vale lembrar que devido à falta de recursos tecnológicos como computadores, celulares, e até mesmo à falta de conexão a uma internet de qualidade, nem todas as escolas aderiram ao ensino remoto, onde alunos e professores possuíam o acesso virtual. Assim, mesmo com a tecnologia, não puderam aderir esta metodologia devido à falta de recursos, e o ensino foi realizado através do uso de atividades impressas. Seria este também um exemplo de educação bancária? É sobre isto que refletiremos no decorrer do texto.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Levantamento histórico:

Não é novidade para ninguém que muitas coisas mudaram ao longo dos anos. A maneira de se vestir, de trabalhar, de se comunicar, e até mesmo a maneira de estudar. Muitas coisas têm evoluído, e a educação também vem se desenvolvendo a cada vez mais através de pesquisas e investimentos na formação de professores, o que vem sendo um grande avanço intelectual e profissional para a humanidade.

Esta evolução pode ser considerada muito grande, pensando no fato de que antigamente apenas os meninos possuíam acesso às escolas, pois as meninas ficavam em casa aprendendo a fazer coisas do lar como passar, limpar, costurar, bordar, a como ser uma boa mãe, entre outros fatores que eram considerados apenas do sexo feminino. Atualmente já não é mais assim, pois a educação é direito de todos.

Parar e refletir sobre as mudanças presentes na atualidade também é uma forma de aprender, e com base na reflexão e na capacidade de elaborar sua própria opinião, este já é um método que contraria o modelo de aprendizagem tradicional. E ao pesquisar sobre o tema ocorrido no passado, já estamos envolvendo novas

metodologias e sendo protagonistas de nossa própria aprendizagem. Fato que não era aceito no modelo tradicional devido à falta de recursos e metodologias e a imposição maior dos educadores. Uma vez que os conteúdos não eram trabalhados de forma significativa ou prazerosa, mas sim de forma desconectada à realidade do aluno. Conhecimentos que eram transmitidos como algo sistematizado e não como conteúdos importantes que realmente fizesse sentido para os alunos utilizarem em seu dia a dia.

Em algum momento da vida você já deve ter refletido em como será que eram as escolas e as salas de aulas de antigamente, ou talvez como seria o modelo de aprendizagem. Ao fazer um levantamento histórico sobre o modelo tradicional de ensino, percebe-se que o professor é a figura central neste processo de educação, ou seja, é ele o único detentor do saber. Desta forma, não permitindo com que o aluno se envolva na aprendizagem, mas sim que se sente em sua cadeira na sala de aula e apenas receba as informações repassados pela figura autoritária revelada à sua frente. Não há o despertar da curiosidade do aluno em aprender, pois ele apenas ouve aquilo que está sendo repassado e sem a oportunidade de questionar, de entender através da troca de conhecimentos ou dialogar sobre o mesmo. Há um impedimento da comunicação dos alunos, a qual apenas ouviam.

Este tipo de “aprendizagem” ofertada se baseava na memorização dos conteúdos. Não havia meios que levassem os alunos a compreenderem o assunto como deveria, apenas decoravam e repetiam o que os mestres os haviam passado. Ocorre então uma aprendizagem mecânica, onde há apenas uma transferência de informação do professor (representado como o detentor do saber – sujeito ativo) para o aluno (representado como o receptor – sujeito passivo), uma verdadeira educação passiva que nos leva a lembrar da educação bancária tanto combatida por Paulo Freire, ao qual a define como “um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante” (FREIRE, 2017, p. 80).

Para a educação tradicional, os alunos eram recebidos como uma folha totalmente em branco ao qual deveria ser preenchida pelos educadores. Neste pensamento era ignorado todas as experiências de vida do aluno, a cultura de seu povo, as histórias aprendidas e as bagagens de conhecimentos trazidas por ele, o que bloqueava a aprendizagem significativa e consequentemente uma educação de

qualidade. Era como se ao adentrar o processo de escolarização, começasse tudo do zero e as informações obtidas ao longo dos anos não tivesse mais importância e fossem apagados da história do aprendiz.

Após começar a “preencher” esta folha em branco (como era considerado o aluno) com os depósitos de informações sobre ele, era necessário avaliar se realmente havia memorizado os conteúdos. Este processo era feito através de provas como as atividades avaliativas que tinham como objetivo classificar o aluno como se estivesse medindo sua inteligência. Era uma forma do professor perceber se realmente eles haviam memorizado o conteúdo e transcrito para o papel, como máquinas humanas. O foco das provas aplicadas era de identificar erros e acertos, e não de se preocupar em relação ao que o aluno ainda restava dificuldades para assim encontrar alguma maneira de intervir.



Se observarmos algumas imagens de salas de aula no passado, veremos que as mesas dos professores ficavam em um degrau mais elevado do chão, um tablado ao qual o objetivo era justamente de colocar o professor em um grau de superioridade em relação aos seus alunos, reforçando que o professor era o centro e maior em sala de aula. Neste contexto há a evidência da predominância da palavra do professor, já que ele é a figura central, onde os alunos deveriam obedecer a toda e qualquer regra imposta e aprender sem questionar (modelo que não faz sentido na prática atual, já que acredita-se que o aluno aprende através da indagação, da curiosidade e da criticidade). Assim havia total silêncio em sala de aula, o que representava disciplina, respeito e atenção pela fala do professor que era tido como uma figura sagrada por seus alunos, porém, baseada no medo. E quando o aluno cometia alguma falha eram utilizados métodos corretivos para punir a atitude dele, como ficar ajoelhado em cima de grãos de milho o que lhe causava dor, humilhação

e desconforto, e também a palmatória, que era uma peça circular de madeira com um cabo ao qual era usado para bater na palma da mão de quem fosse castigado.

Esta forma de ensino pode ser caracterizada pelo método "maiêutico", cujo aspecto básico é o professor dirigir a classe a um resultado desejado, através de uma série de perguntas que representam, por sua vez, passos para se chegar ao objetivo proposto. (Mizukami, 1986. p.17)

Mesmo apesar de todos os avanços na área educacional, muitos professores ainda insistem em apostar no método bancário e reforçam o ato de memorização e repetição. O que reflete nos resultados de aprendizagem obtidos, pois impede a reflexão e a criticidade dos educandos.

As elevadas taxas de reprovação em todas as áreas de conhecimento, em especial na educação básica, são refletidas nos baixos resultados apresentados pelo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) que mostram no último censo, a nível Brasil, o índice de 3,8 para o ensino médio, abaixo da meta de 4,7 para o ano de 2017. Os números mostram que as práticas tradicionais não satisfazem mais as necessidades contemporâneas de educação referentes à criticidade, reflexão, desenvolvimento do raciocínio e autonomia, haja vista que diante do processo de globalização do conhecimento a escola não é mais o lócus de informação e aprendizagem. (SANTANA, 2019, p.56).

2.2. Formas de intervenção:

Certamente, muitas das práticas tradicionais não se encaixam em nossa vivência atual, e permitir com que os alunos “carreguem” estas defasagens ao longo dos anos é uma situação inaceitável, pois se ele não tiver uma base bem consolidada como poderá edificar novos conhecimentos? A prática tradicional, como declara Saviani (2007), foi até o século XIX a metodologia pedagógica dominante no espaço escolar, sendo ainda, a mais presente nos dias atuais. Isto é, até hoje mantemos a mesma filosofia e o mesmo ideário cultuado em um formato fabril de educação tradicional predominantemente de ordem conservadora, acrítica e opressora.

Pensando nesta hipótese, é preciso utilizar de algumas formas de intervenção para agir diretamente na “raiz do problema”, uma vez que agora o professor entende que não é o detentor do saber, mas sim o mediador da aprendizagem de seus alunos, aquele que é o responsável em despertar a curiosidade em aprender.

Vale ressaltar que muitos dos alunos não sentem prazer nenhum em ir para a escola, e encaram os estudos como algo penoso e entediante. Além disso, sabemos que a realidade é que muitos só permanecem porque são obrigados pelos pais por

causa da lei, e até mesmo por causa da merenda por não terem o que comer em casa. Um fato difícil e complexo, porém, é a realidade enfrentada por muitos ao redor do mundo. Não tem como o professor fechar seus olhos diante desta situação e diante da desmotivação encarada por tantos, visto que assim é preciso que ele envolva o aluno a ir além daquilo que lhe está sendo imposto, tirando o “peso” de uma educação forçada e através de metodologias eficazes despertar nesse aluno o amor pelo aprender.

Mas como intervir nesta situação? Como encontrar meios de mediar a aprendizagem em meio a uma época tecnológica onde o professor tem que disputar a atenção de seu aluno com um aparelho celular? Na verdade, é em meio ao problema que encontramos a solução do próprio problema. Se o aluno não consegue aprender no modo tradicional apenas com caneta, papel e livro didático, mas gosta de tecnologia, então o professor pode introduzir metodologias ativas como a gameificação em suas aulas. Se o aluno não gosta de matemática, mas ama ajudar seus pais a venderem em seu mercadinho, porque não planejar uma aula fora de sala onde as crianças poderão montar um “mercadinho de brinquedos” e desta forma aprenderem a somar através da compra e diminuir através do troco? Para tudo há uma metodologia eficaz quando decidimos colocar em nossa mente que se o aluno não aprende de uma forma, devemos tentar ensinar de outra. Pois é a partir daquilo que mais lhe brilha aos olhos que podemos construir uma aprendizagem significativa.

Mas utilizar metodologias ativas de forma desconectada do conteúdo e da realidade do aluno, apenas porque é orientado pela escola, não produz sucesso algum. O recurso em si não faz nenhum tipo de “milagre”, é preciso planejamento e intencionalidade naquilo que se deseja alcançar através do método. A proposta por trás desta metodologia é oportunizar momentos em que o aluno esteja no centro do processo de aprendizagem, visando o envolvimento dele e de seus colegas como protagonistas na aprendizagem dos conteúdos, de forma crítica e autônoma.

Para envolver seus alunos em uma aprendizagem mais dinâmica o professor pode promover atividades que estimulem o trabalho em equipe, assim como jogos e brincadeiras. Há pessoas que acreditam que os jogos e brincadeiras são importantes apenas na educação infantil, o que é algo totalmente contraditório. O ensino de

forma lúdica traz o bem-estar até mesmo para os adultos pois desperta o prazer em aprender, então para os estudantes deve ser algo indispensável. A aprendizagem entre pares trabalha o raciocínio lógico, engaja os alunos na relação com o conteúdo e promove a relação de convivência em sociedade. Se o professor ou o aluno não possui recursos tecnológicos suficientes para auxiliar na melhoria da aprendizagem, não é preciso se desesperar. Há vários outros meios que podem desmistificar as formas de desenvolver uma aprendizagem sólida, principalmente neste novo cenário de pós pandemia. Muitos meios tradicionais são saudáveis para propiciar a aprendizagem, na verdade o que precisa mudar são as formas como eles são utilizados, juntamente com a didática do professor. O ensino tradicional não precisa ser extinto, mas sim adaptado para a nova realidade que enfrentamos.

Há vários jogos tradicionais como o dominó, por exemplo, que pode ser adaptado como um jogo pedagógico de matemática ao qual pode ser trabalhado as quatro operações matemáticas. Ou a adedanha, também conhecida como “Stop”, que permite trabalhar adjetivos, substantivos próprios e comuns ou até mesmo ser adaptada para o ensino de outros conteúdos. Tudo depende das regras de como você orientará o jogo, e está dinâmica que pode parecer simples trará para o aluno um enorme prazer pelo conhecimento através de sua metodologia utilizada. Além de promover a interação e o engajamento dos estudantes.

2.3. Relação da qualidade entre o ensino tradicional e o atual:

Graças ao avanço da tecnologia, alguns métodos tradicionais que não se encaixam mais no ensino atual estão sendo substituídos por metodologias ativas que propiciam uma aprendizagem de qualidade e significativa.

Assim como o próprio nome já destaca, metodologias ativas são o contrário do modelo de ensino tradicional. Ela permite com que o aluno seja ativo na construção de sua aprendizagem, que ele seja a figura central e não o professor. Com este método o professor atua como mediador e não como detentor do saber, e motiva os alunos a questionarem, refletirem, desenvolverem pensamento crítico e

serem capazes de solucionar problemas. Com estes objetivos os alunos deixam o papel e caneta um pouco de lado e se envolvem mais em atividades práticas.

O foco neste processo de aprendizagem se baseia em uma educação integral que aborde o entendimento pleno do aluno, para que ele use seus conhecimentos não só em sala de aula, mas principalmente em seu cotidiano fora dela, visto que em algum momento de sua vida deixará sua escola para viver além dela.

Através de aulas onde os professores instigam o diálogo e a curiosidade, e permite com que os alunos possam expressar suas opiniões e pensamentos, o conteúdo se torna mais leve e prazeroso em aprender. Hoje o professor passou a ser respeitado não por aquilo que ele sabe ou por como ele castiga seu aluno, mas sim pela forma com quem media os conhecimentos e motiva seus alunos a buscarem por ele a cada vez mais.

Relembre como foram suas aulas de história em seu período de escolarização, e reflita se suas lembranças são as melhores possíveis. Talvez você até tenha entendido o assunto, mas possa ser que não tenha compreendido e absorvido toda a riqueza por trás dos conteúdos. Todos nós já fomos alunos um dia, e entendemos que ficar horas sentado ouvindo um professor contando sobre o passado pode ser algo chato e desgastante. Por que então repetir o mesmo método com nossos alunos? Repetir a mesma trajetória e não investir em uma metodologia capaz de nos despertar para o novo, não traz sucesso e mudança nenhuma. É preciso inovar.

Uma forma bastante dinâmica de ensinar um conteúdo de história como a independência do Brasil, através da reflexão e da criticidade, é o júri-simulado. O professor pode dar um respaldo sobre o assunto, pedir que seus alunos pesquisem sobre o tema, e apresentem em formato de júri-simulado. Para isso o professor pode dividir a turma em acusação, defesa, réu e jurados e instigar o envolvimento da turma. Esta metodologia traz diversos benefícios e envolve a oratória através da apresentação dos argumentos e trabalho em equipe, além de estimular o aluno na construção de sua própria aprendizagem.

O foco principal deste modelo de ensino está centrado na participação dos alunos, despertando o prazer em aprender. Quando eles são envolvidos neste processo começam a ampliar sua visão de conhecimentos, o que facilita uma

aprendizagem mais sólida e complementar. O objetivo de ensinar o conteúdo foi mantido, o que mudou foi a estratégia de tirar o professor do centro da aprendizagem e colocar o aluno como protagonista da mesma.

3. CONCLUSÃO:

Conclui-se, portanto, que a educação não é algo transitório, mas sim duradouro, que atravessa épocas e diferentes fases da história. O que não deve continuar a mesma coisa são as metodologias utilizadas pelos educadores neste processo, pois conforme a história muda precisamos também mudar com ela e atualizar o que for necessário mediante a cada situação.

Sempre houveram tempos difíceis na história da humanidade, como tantas guerras e epidemias relatadas, e conforme cada caso foi preciso inovar. Diante da tecnologia acessível a maioria da população, este foi um recurso bastante eficaz para que os estudantes seguissem sua caminhada mesmo que de uma forma diferente. Sabemos que mudar rotinas e se adaptar não é um processo nada fácil, mas sempre necessário de acordo com a realidade que enfrentamos.

Encontrar uma lanterna em meio a um túnel escuro não é uma missão tranquila. Mas depois de encontrá-la, por mais que seja difícil caminhar, isso se torna possível. Assim podemos entender a tecnologia em meio a pandemia de COVID-19, como uma lanterna a qual educadores puderam tirar muitos estudantes da escuridão, e assim direcioná-los a uma saída.

E após encontrar esta saída, o processo não deve continuar o mesmo. Inovações pedagógicas são sempre bem-vindas quando possuem como foco a aprendizagem significativa e de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Família contemporânea transforma as relações com a escola. Disponível em: < <https://portal.aprendiz.uol.com.br/arquivo/2013/04/28/familia-contemporanea-transforma-as-relacoes-com-a-escola/sala-de-aula-antiga/>> Acesso em 04 de outubro de 2022 às 21:42
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino*: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.
- SANTANA, Thiago. Prática pedagógica tradicional e inovadora. Revista Espaço Acadêmico, N. 216, mai./jun. 2019.